

ÍNDIOS

Estranho na aldeia

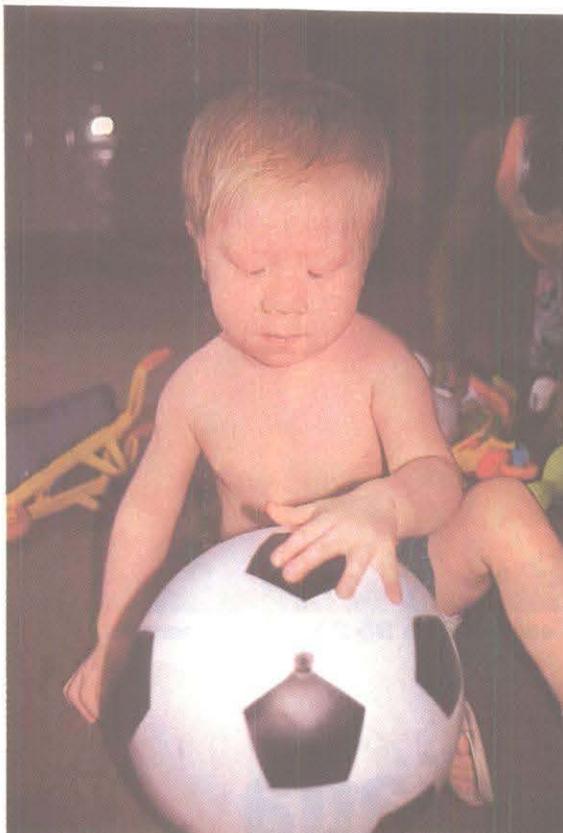
Tribo rejeita primeira criança albina e Funai impede adoção por brancos

EUNICE PINHEIRO

Os cabelos brancos, a pele clara e os olhos repuxados fazem de Vanderlei Fernandes um garoto especial. Suas características físicas peculiares provocaram reações desde o nascimento, em 2 de abril de 1992, em um hospital de São Sebastião, no litoral norte de São Paulo. "Ele não saiu de mim", disse a mãe logo após o parto. Com o tempo, a surpresa de Jany Jaxuká, índia guarani, transformou-se em rejeição. Primeiro caso de albinismo entre indígenas, segundo a Funai, Vanderlei é vítima do preconceito e do abandono por parte dos 258 membros da aldeia. Aos três anos de idade, ele não fala, não anda e possui idade mental de uma criança de um ano e meio. E o pior: o dia-a-dia na tribo representa um risco de vida constante. Por ser albino, ele não poderia se expor ao sol. Depois de várias internações nos hospitais da região devido a insolações graves, o indiozinho foi afastado do seu meio. Há cerca de dois meses ele mora provisoriamente na Casa do Índio, no Rio de Janeiro, uma espécie de asilo para deficientes mentais.

A total ausência de pigmentação na pele, nos cabelos e nos olhos de Vanderlei explica-se por uma deficiência genética, que ocorre na proporção de uma em cada 15 mil pessoas. Na aldeia, o caso raro ainda não foi assimilado. "Nós temos que entender que é uma questão cultural. Os índios não sabem o que é genética, muito menos o que é a falta de melanina na pele", explica o chefe

O pajé e Cunhanhatá aceitam o indiozinho: sol e visão de anjo



FOTOS: ACHILES PANTAZOPOULOS



Vanderlei Fernandes e sua mãe, Jany Jaxuká: "Ele não saiu de mim"

do posto da Funai em São Sebastião, Márcio Alvim, que desde o nascimento tenta integrar o índio de pele branca à sua tribo. Para o pajé Didiocó a "doença" de Vanderlei foi causada pela má alimentação da mãe durante a gravidez. "Ela comia muita bolacha. A comida não tinha nervos e fez o menino

nascer assim, todo molinho e fraco", diz o pajé. "A gente ficava esperando o dia da morte dele", completa.

Vanderlei sobrevive a duras penas. Quando ele não estava em hospitais, passava os dias sob o sol, à beira da estrada Rio-Santos, enquanto a mãe vendia palmito para turistas. O pai, índio de uma aldeia do Sul do País, abandonou Jany durante a gravidez, à época com 14 anos. Em setembro do ano passado, Vanderlei foi novamente internado no hospital de São Sebastião em situação dramática: pesava sete quilos, estava com pneumonia, disenteria, desnutrição e cheio de picadas de insetos. "Ele chegou totalmente apático. Não ria, não chorava, não manifestava interesse nem pela comida", recorda-se a assistente social do hospital, Vilma Batocchio. "A desnutrição grave e a falta de estímulos psíquicos, provocados pela rejeição, acabaram provocando uma deficiência mental na criança", atesta o neuropediatra Gianni Ettore Galimberti.

O último período de internação trouxe um novo drama para a curta vida de Vanderlei. O índio albino despertou o interesse da funcionária pública Rojane Couto Souza, 39 anos, que passou a visitá-lo frequentemente. "Faço tudo que for preciso para cuidar de Vanderlei, banco todo o tratamento, dou escola, vou para a aldeia e aprendo até a dançar em volta da fogueira, pois eu quero que ele seja meu filho", desabafa Rojane, que tentou iniciar um processo de adoção. O pedido nem sequer foi considerado, embora Rojane seja casada, não tenha



| | |
|--|---------------------|
| INSTITUTO | |
|  | |
| Documentação | |
| INDICADORA | Fonte <u>Isto É</u> |
| Data | <u>24/7/98</u> Pg |
| Class | <u>1428 (Cent)</u> |

filhos e possua condições financeiras para criá-lo. “Lugar de índio é na tribo com outros índios”, diz Alvim, o representante da Funai na aldeia. Rojane não aceita a visão antropológica. “Ele foi rejeitado por toda a tribo e hoje precisa de ajuda e do carinho de uma mãe. Por que ele vai ser privado disso tudo só pelo fato de ser índio?”, indaga.

A solução temporária arranjada pela Funai foi o afastamento de Vanderlei da aldeia. Ele está na

Casa do Índio, no Rio de Janeiro, um local inadequado para o desenvolvimento de qualquer criança. Trata-se de um abrigo de índios doentes, mais da metade deles com problemas mentais. O mais triste é que a maioria dos internos passa ali toda a vida. “Isso pode acontecer com Vanderlei, mas, a princípio, ele vai ficar aqui até se recuperar e poder voltar para a reserva”, afirma a diretora da Casa do Índio, Eunice Cariri. No abrigo Vanderlei livrou-se dos raios solares, mas recebe uma medicação questionável.



Funai descarta adoção por Rojane: “Lugar de índio é na tribo”

Existe um acerto para que ele passe a viver com o pajé Didiocó, que é estéril, e a mulher Cunhanhatá, os únicos na aldeia a se sensibilizarem com a situação do albino. “Deus pôs esse material no mundo. O que a gente vai fazer? Temos que cuidar dele”, diz a índia, que tem cinco filhos do primeiro marido e já é avó. Ape-

sar da disposição, a velha índia não está preparada para tomar conta de uma criança albina que exige cuidados especiais. “O sol não vem para matar a gente. O sol é para fazer viver. Não vai fazer mal para ele”, garante Cunhanhatá, para desespero dos médicos. “Retornando à aldeia, ele volta à estaca zero”, sentencia o neuropediatra que o acompanhou em São Sebastião. O pajé apega-se a uma visão para contrapor os argumentos em contrário: “Os espíritos prometeram enviar um anjo para manter o menino vivo.”

Toma diariamente Tegretol, um remédio psiquiátrico para conter convulsões. O tratamento indicado no seu prontuário em São Paulo não previa medicamentos, mas assistência: Vanderlei deveria ser acompanhado por fonoaudiólogos, psicólogos e oftalmologista. O futuro do índio albino está longe de ser definido. A primeira batalha é sua recuperação física e psicológica depois de anos de maus tratos. Caso retorne à reserva, Vanderlei não ficará com a mãe, que já tem um segundo filho e não quer saber do primeiro.

■